

Nº IV - Rio de Janeiro, 12 de Setembro de 1925 - Nº 188

AMACA

DIRECTOR
CONSELHEIRO
X.X.



Haroldo REFLEXÕES DE ARTISTA

— Os homens são mais inteligentes do que os veados... "Cadê" que este póde usar chapéo?

“A MAÇA”

Semanario illustrado. — Director: Conselheiro XX.

Proprietarios: H. de Campos & Cia.

Redacção: Rua do Rosario, 108 — 2.º andar.

Administração: Rua da Quitanda, 59

Officinas: Rua Paulo de Frontin, 103 — Rio de Janeiro — Brasil

Aos nossos agentes de venda avulsa, do interior, que se encontram em atraso de pagamento, solicitamos a remessa das importancias correspondentes aos seus debitos, em vale postal, com a maxima brevidade.

Dentre esses, pedindo resposta ás nossas reiteradas cartas, destacamos os seguintes:

Alfredo Fernandes	— Antonio Carlos	— Minas
Candido Mosqueira	— Pomba	—
Domingos Orlanó	— Alfenas	—
Francisco Gontier	— Dôres do Indayá	—
Joaquim Louro	— Mar de Hespanha	—
Jose Fausto Dias	— Ponte Nova	—
Raymundo Dias	— “ “	—
Modesto Vieira	— Jequitinhonha	—
Antonio Gentile	— Soledade	—
“ “	— Caxambu	—
Nestor Lopes Coelho	— S. Sebastião do Paraizo	—
Sizenanbo Itabaiana	— Januaria	—
Armando Santos	— Viçosa	—
Luiz Fontana	— Ouro Preto	—
Agenor Pereira da Cunha	— Itajubá	—
Brito & Santos	— Patrocínio	—
Nicanor Figueiredo	— Pirapora	—
Mario Salgueiro Vianna	— S. L. do Carangola	—
Alfredo Barbosa da Silva	— Sete Lagoas	—
Othon Dias	— Machado	—
Abraham Bichana	— Leopoldina	—
Carlos Alves	— Januario	—
Joaquim Pedro Barbosa Junior	— Patrocínio	—
C. Oliveira Azevedo	— Oliveira	—
S. Rezende	— “	—
M. Franco	— Itauna	—
A. Salles	— Caratinga	—

ASSIGNATURA E VENDA AVULSA

Estados:	Capital:
Anno 26\$000	Numero avulso \$500
Anno (sob registro) ... 50\$000	Atrazado \$600
Numero avulso \$600	Idem, sob registro mais. \$600

PARA O EXTERIOR

Porte simples:	Registrado:
Anno 50\$000	Anno 60\$000
Semestre 30\$000	Semestre 35\$000

Publicação retribuida — (Anuncios) — Preço por vez

Em papel couché	Em papel assetinado
1 pagina 250\$000	1 pagina 200\$000
1/2 “ 120\$000	1/2 “ 110 \$000
1/4 “ 70\$000	1/4 “ 60\$000
Capa anterior - (cores) .. 450\$000	Publicações especiaes no texto, 5\$000
Contra capa, 1a. e 2a. a 530\$000	a linha, por vez, escala corpo 7

Toda correspondencia deve ser dirigida a João de Abreu

TELEPHONE DO ESPECIALISTA

— O meu amigo bem sabe o que tem gasto e quanto tem soffrido com essa prostatite.

Deixe-se de mais experiencias com remedios novos... no nome.

— O BLENOL, é o unico especifico consagrado ha muitos annos.

Torne a usal-o como manda o autor, e verá que a prostatite logo desaparece, e sem fazer a operação.

Lic. pelo D. N. S. P. em 20-5-1900, sob o n. 44.

Combate de Feras

— Vae lá em casa amanhã, que temos divertimento serio,—convidava o Prudencio ao Pancrácio.

— Dança-se?

— Não.

— Canta-se?

— Não.

— Toca-se?

— Não.

— Ha corridas de touros?

— Não. Mas ha cousa melhor: nm combate de animaes ferozes.

— ?...

— Vamos pôr sangue-sugas em minha sogra!



VINHO CREOZOTADO
DO PHARMACEUTICO-CHIMICO

JOÃO DA SILVA SILVEIRA
AUTOR DO GRANDE
“ELIXIR DE NOGUEIRA”
EMPREGADO COM
SUCESSO NAS FRAQUEZAS EM GERAL
GRANDE TONICO E FORTIFICANTE

MILHAES DE ATTESTADOS MEDICOS!
RECONSTITUINTE DE 1.ª ORDEM

AS DOENÇAS PROVENIENTES DA

Impureza do Sangue

Molestias da pelle, Escrophulas, Dôr nos ossos, Boubas, Rheumatismo, Feridas, Ulceras, DARTHROS, Eczemas, Fistulas, Empigens.

SÃO DEBELLADAS PELO **TAYUYA'** DE SÃO JOÃO DA BARRA



Biotônico

FONTOURA

O MAIS COMPLETO FORTIFICANTE



O Biotônico Fontoura restabelece as forças, melhora as funções digestivas, combate a depressão nervosa e a fraqueza muscular, melhora a composição do sangue aumentando os globulos sanguineos, estimula a actividade celular e contribue para restabelecer a saúde nos organismos depauperados.

App. pelo Departamento Nacional de Saúde Pública, em 27-4-1918, sob o N. 175

ODONTOL

PASTA PÓ-ELIXIR
DENTIFRICIOS

Mantem a
hygiene
da bocca

CLAREAM E
CONSERVAM
OS DENTES

Perfumam
o halito

Em todas as
Pharmacias,
Drogarias,
Perfumarias,
ou no
deposito.

F^{co}. GIFFONI

1.º DE MARÇO 17

PETROL

LOÇÃO DE PETROLEO MEDICINAL

PERFUMA, —
— ONDULA,
AMACIA E —
CONSERVA O
CABELLO.

ENCONTRA-SE EM BOAS PHARMACIAS,
DROGARIAS, PERFUMARIAS E
NO DEPOSITO GERAL PHARMACIA E DROGARIA
FRANCISCO GIFFONI & C^a
RUA 1.º DE MARÇO 17 - RIO DE JANEIRO

Em geral, uma mulher honesta resiste ao segundo amante simplesmente pelo escasso prazer que lhe deu o primeiro. — Julio Viard.



PILULAS DE CAFFERANA
DE
ABREU SOBRINHO

FÉBRES

- INTERMITTENTES •
- PALUSTRES • SEZÕES •
- NEURALGIAS •
- MALEITAS •



Um marido enganado que recorre á Justiça, é um ferido imprudente que agrava o seu estado, agravando a ferida. — Ricard.

O PERU' DOS SABBADOS DE GASTÃO PENALVA

O rancho, como factor principal de um bom estomago, concorre efficazmente para a boa disciplina do navio. Si é bom, tudo vae bem; todos estão satisfeitos, o bom humor é geral, não se effectuam essas perniciosas discussões de praça darmas, nem essas nocivas e inqualificaveis trepações na vida alheia, que transformam uma nau de guerra numa dessas avenidas urbanas de gente mal educada, onde todos se conhecem, e talvez por isso, todos se detestam. Tudo porque o estomago funciona bem, e com o estomago toda a complexa engrenagem marítima.

Ao contrario, si o rancho é mau, a vida a bordo é um calvario de contrariedades. Uns implicam com os outros, o immediato implica com todos, e o commandante dá para apertar o classico parafuzo do tezamento, cuja cabeça se atarracha na camara, e cuja ponta vae tocar o bico de prôa, o que indica que de ré para vante, não ha um só que lhe escape aos efeitos. E' que o estomago vae em franca decadencia, e o bicarbonato é uma realidade.

Entretanto, num caso e noutro, tudo depende do mestre Cuca, e da sua altissima vontade. Si elle bem o entende, ou tem recursos, ou sympathiza com o rancheiro, o rancho é uma maravilha. De outro lado, si o cosinheiro, não está disposto a incomodos, ou si a patente do rancheiro é fraca — como um já houve que deslavadamente assim classificou — então o rancho periga, periga o estomago, periga a disciplina, e sossobram de vez os rigores da Ordenança.

E, cousa notavel: póde a quota da melhoria ser alta e o rancho mau, como existem casos de contribuições insignificantes, e o rancho optimo. Caprichos de mestre Cuca.

Certa vez, achava-se fundeado na Guanabara o velho couraço "Riachuelo". A vida a bordo era uma delicia, porque o rancho era excellente. Basta dizer que uma vez por semana apparecia na mesa do almoço, dourado e tentador, uma saboroso peru' recheiado.

A praça darmas vibrava de entusiasmo pela competencia, pelo zelo e pela economia de um cosinheiro que num rancho de quinze mil réis não relaxava a nota edificante de um peru' hebdomanario. O immediato, bonnanchão, e bom garfo, já fala-

va numa merecida pratificação, ao fim de cada mez, arranjada com o dinheiro da Caixa.

De todos, porém, era o rancheiro quem mais se embasbacava.

— Diabo! pensava elle. Num rancho tão pobre, peru' todos os sabbados? E pago a trez mil réis, como lhe affirmava o Cuca... Como seria aquillo?

Já se tornára habito aquelle petisco todo o fim de semana. De tal sorte que na vespera, ao retirar-se de bordo, o immediato fazia comparecer o cosinheiro, e indagava, antegosando o pitéo:

— Então, mestre — amanhã peru'?

— Si Deus quizer, seu immediato. Peru' amanhã.

Mas, não ha bem que sempre dure, nem... peru' que nunca se acabe. La veiu um sabbado, e faltou o apreciado acepipe. A praça darmes gelou. Todas os bocas encheram-se dagua, affeitas que já andavam aquella iguaria infallivel. O immediato almoçou em silencio, acabrunhado, quasi sem appetite. Fazia falta o raio do peru', palavra d'honra.

Finda a inspecção, não se conteve: mandou chamar o cosinheiro.

— Mestre — inquiriu, de sobrolho carregado, como si houvesse acontecido um desastre. Que foi isso hoje?

— Isso o quê, seu immediato?

— Não te faças de tolo. O peru'?

— Ah! Hoje não foi possive. V. S. sabe...

— Não, mestre. Houve algo de anormal, que eu preciso conhecer como immediato deste navio. Um sabbado sem peru'! Como se explica?

— Seu immediato, V. S. descurpe, mas foi um transtorno dos demonios. Eu não queria dizer, mas V. S. ordena. E' verdade. Faltou o peru'. Mas a culpa foi do Mané do Carmo — disse o homem, de olhos baixos, torcendo a ponta do avental.

— Quem é esse Mané do Carmo, animal? Que tem elle com o rancho?

— Eu conto a V. S. seu immediato. Mané do Carmo é meu compadre, e o mais afamado gatuno de gallinhá do Bangú. Era elle quem me vendia os perús. Esta semana o maldito está atacado de asthma. Por isso... não tem "trabalhado"...



OS MESTRES DA GALANTERIA

ALLUMEUSE POR

MAURICE DONNAY

(Trad. d' "A MAÇA")

ETIENNE SONDEUR..... 35 annos
MARCELLE DE VIZAVIH..... 27 annos

Clara e doce manhã de maio. Dez horas, praça Malesherbes. Sondeur examina o horizonte, procurando um carro descoberto; mas todos estão fechados porque... não chove. Enfim, passa um, que corresponde ao seu desejo. Elle o faz parar, e sobe.

Sondeur — Cocheiro, vamos ao salão annual de pintura.

O Cocheiro — Qual? Ao dos Campos Elyseos?

Sondeur — Não; ao do Campo de Marte.

O Cocheiro — (a meia voz) — Bem; veio a tempo...

Sondeur — Ligeiro como o vento; gorgeta de principe!

(O cavallo, chicoteado como convém, devora o espaço).

Sondeur (pensando no carro) — Elle vae dar o "prego" por ahi... E' o infallivel accidente... (Puxando o relógio) Dez e um quarto! Vou chegar tarde. Felizmente ella chega sempre atrasada... Este cocheiro é excellente, e vae depressa... Aonde diabo já vi eu este cocheiro? Eu já vi esta cara. Deve ter sido na casa dos Parvenu... Não é isso impossivel, uma vez que elles abrem o salão a todo o mundo...

(Emquanto isso, o carro chega á porta Rapp; elle dá 3 francos ao cocheiro).

O Cocheiro — Obrigado! Divirta-se! O senhor tem sorte... Vae ver os symbolistas!

Sondeur — Onde diabo já vi eu esta cara? E' curioso!

(Entra. Saguão, escadaria, grandes salas. Ella ainda não chegou, e, enquanto espera, elle examina os Aman-Jean. E' para ahi que elles marcaram um encontro, deante das telas, «onde não haveria ninguém» pois elles conhecem o gosto das multidões, as quaes devem estar, a essa hora, a olhar nos Madeleine-Lemaire as oleographias com desenhos da esquadra russa.

Emfim, ella chega. Costume matinal para visita ao Campo de Marte (Ella tem outro para os Campos Elyseos, pois a toilette de uma mulher deve variar com a pintura que ella vae admirar). Grande chapéo coberto de glycínias e de iris, «voilette» branca, ondas de musselina em torno do pescoço, vestido Whistler, cinza e ouro).

Mme. Vizavilh — Oh! por aqui? Como está? bem? Nós tivemos a mesma idéa esta manhã!

Está aqui ha muito tempo? E' a primeira vez, sem duvida, que vem por aqui, pois que eu não conto o "vernissage". Eu já tinha vindo: ha boas cousas, sem duvida, mas ha, tambem, muita coisa má. Os velhos mestres recebem aqui um choque... E como esse movimento se attentua! O que parecia revolucionario ha quinze annos, é hoje, quasi antiquado... Mas, vamos andando... Quer? Não devemos ficar aqui plantados no mesmo logar.

Sondeur — Eu ainda não vi nada; mas estou de accordo com a sua opinião. Ademais, se a senhora soubesse como desprezo a pintura! Eu prefiro dizer-lhe, mesmo, que não entendo nada, nada, da materia. Se eu olhar um quadro dez minutos acabo com dor de cabeça, e não comprehendendo.

Mme. de Vizavilh — O senhor tem a "enxaqueca dos salões"... Nesse caso, porque é que se acha aqui?

Sondeur — Eu? Para encontral-a, para vel-a, para falar-lhe. Eu me encontro, cada vez mais, apaixonado pela senhora.

Mme. de Vizavilh — Eu esperava isso.

Sondeur — Esperava? E por que?

Mme. de Vizavilh — Porque isso me diverte.

Sondeur — Isso a diverte, apenas?

Mme. de Vizavilh — E' melhor que me divirta do que que me aborreça.

Sondeur — Certamente. Mas, emfim, comigo, é um caso mais serio. O amor que eu sinto pela sua pessoa é um sentimento profundo. Eu penso continuamente na sua graça, na sua belleza, tenho a louca obsessão do seu olhar, da sua voz; vivo triste, inquieto, desorientado, desde que a conheço, e a senhora me diz que isso a diverte! Como consolo, não me basta. A senhora zomba de mim; a senhora não pensa jamais em mim.

Mme. de Vizavilh — Quem lhe disse isso? Eu penso, talvez, mais do que o senhor supõe...

Sondeur — Ha dois mezes que a senhora flirta commigo...

Mme. de Vizavilh — Olhe esta figura vermelha, de Aublet. Que tal a acha?

Sondeur — Eu a acho muito boa, muito boa mesmo... Apenas acho que tem a pelle verde. Com certeza é porque tem frio.

Mme. de Vizavilh — Absolutamente. E' por causa das arvores, é o reflexo da verdura... Neste verão, em Faribole, quando eu me ia banhar em um grande tanque do bosque, cercado de arvores magnificas, eu ficava toda verde; e, no entanto, eu lhe asseguro que tenho a pelle muito branca...



OS MESTRES DA GALANTERIA

ALLUMEUSE POR

MAURICE DONNAY

(Trad. d' "A MAÇÃ")

Sondeur — A senhora banhava-se toda nua ?

Mme. de Vizaviih — Naturalmente, em minha casa... Depois, não havia ninguém, e eu lhe garanto, que é muito lindo, e mesmo muito casto, um banho, assim, sob as arvores...

Sondeur — Eu vinha lhe dizendo que ha dois mezes flirto comsigo; a senhora pôde imaginar o estado de alma em que me encontro.

Mme. de Vizaviih — O seu estado de alma, eu o adivinho... está bastante visível... (ri).

Sondeur (corando) — E' preciso, entretanto, que isto termine... E' necessario que eu saiba com quem estou tratando.

Mme. de Vizaviih — O senhor é muito impaciente... E' preciso começar pelo flirt... O flirt é a lição que uma mulher recebe, com floretes embolados, antes de sahir a campo com espadas verdadeiras.

Sondeur — Sim, mas se ella sae a campo com um outro... é ridiculo terçar com ella o florete embolado.

Mme. de Vizaviih (deante de um quadro) — Que me diz desta Eva ?

Sondeur — Muito bonita... mas muito magra.

Mme. de Vizaviih — Sim, mas como é delicada, leve, subtil... Olhe as mulheres dos Primitivos; são todas diluviaes.

Sondeur — Devia haver, seguro contra o Diluvio.

Mme. de Vizaviih — Oh, sim... São deliciosas as magras... Ellas são sempre elegantes, tem os braços graciosos, as pernas finas, o pescoço flexivel como uma arvore joven... Eu queria ser pequena, fragil....

Sondeur — A senhora não é gorda...

Mme. de Vizaviih — Ah, não! Eu não sou gorda... rochunchuda, isto é... sim... rochunchuda!

Sondeur — E' preferivel.

Mme. de Vizaviih — Sou uma mulher de covinhas.

Sondeur — Onde ha uma cova, a gente tropeça!

Mme. de Vizaviih — Não queria calar-se ?

Sondeur — Emfim, eu queria dizer-lhe que isto, assim, não pôde continuar. Escuta, Marcella, eu te dou tudo.

Mme. de Vizaviih — Tudo, o que ? O senhor está espantoso !

Sondeur — Dou-te o meu tempo, o meu cerebro, o meu coração, a minha tranquillidade, e tu, que me dás ? Nada.

Mme. de Vizaviih — Dou-lhe o meu perfume, e o senhor mesmo me disse que se innunda com elle todas as noites antes de deitar-se, e que isto lhe dá a illusão de que dorme commigo. Isto, então, não é nada ?

Sondeur — Sim, mas este contacto perpetuo, este eterno roçar do seu vestido no meu braço, é um supplicio. A senhora me fala do seu corpo, das suas covinhas, da alvura da sua pelle.

Mme. de Vizaviih — E acredite que eu não digo essas cousas a todo o mundo... E o senhor diz que eu não lhe dou nada !

Sondeur — Sim, mas a senhora comprehende que eu desejo mais.

Mme. de Vizaviih — O senohr é injusto, meu caro. Ainda hoje, como o senhor me pediu outro dia, eu lhe trouxe uma flor que passou uma noite commigo, tão perto de mim, tão perto quanto possivel... de mim. Mas o senhor não merece que eu lh'a dê.

Sondeur — Oh ! eu lh'a peço... dê-m'a !

Mme. de Vizaviih (tira do seu seio uma flôr e a entrega a Sondeur) — Eil-a !

Sondeur — Ama-me, então, um pouco ?

Mme. de Vizaviih — Não compete a mim responder-lhe... Consulte a linguagem das flôres...

Sondeur (pensando que é chegado o momento) — Escuta, Marcella, eu a adoro, mas eu queria outro logar para dizer-lhe isso que não em sua casa, nas festas, nas Exposições... Eu queria dizer-lhe isso na minha casa... Diga-me que vem, quando puder... Eu esperarei por si toda uma tarde, para vel-a durante dez minutos !

Mme. de Vizaviih — Isso meu caro, nunca ! Por quem me toma o senhor ? Eu posso me "distrahir" com o senhor, mas, com a graça de Deus, sou uma mulher honesta, e, se quizer que fiquemos bons amigos, nunca mais me faça semelhante proposta. Compreendeu ?

MAURICE DONNAY

PAGINAS ESQUECIDAS
(1897)

A Peteca pagina de GUIMARÃES PASSOS

(PUFF)

Que pagode ! a meninada,
 Numa grande gritaria,
 Leva a noite, leva o dia
 Com a peteca atracada.

Qual d'elles é mais perito !
 Qual d'elles é mais ligeiro !
 E tudo n'um tal berreiro
 Que não se distingue um grito .

A peteca no ar estala,
 Sobe, desce, pula, salta,
 A's pancadas que o peralta
 Lhe dá no acto de apanhal-a.

A casa desses meninos
 Já não tem copos nem louça,
 A mãe, que já não é moça,
 Se esgota em gritos mofinos.

Não ha um canto na casa
 Que inda não levasse a breca,
 Por causa da tal petéca
 Não ha chicara com aza.

Já cahiui n'uma panella,
 Pelo fundo sahiui logo,
 E foi tão ruim o fogo,
 Que alli não deu cabo della.

Já tem se escondido tanto
 Que a pequenada, sentida,
 Tem para achal-a uma lida
 E a encontra banhada em pranto.

Que alegria ! O dia inteiro
 Levam n'aquelle folgado,
 Nunca lhes parece cedo
 Para deixar o terreiro.

Mas um dia ao ar subiu
 A tal petéca, porém
 Esperam-n'a e ella não vem;
 Pois no banheiro cahiui.

O pobre do tio-avô,
 Que lá tomava seu banho,
 Coitado ! ficou estranho,
 E nem tal cousa notou.

Pois a porta foi abaixo
 A pontapés, a pedrada:
 E invadiu a pequenada
 Inflammada como um facho.

"— 'Stá aqui a peteca, aqui !"
 E seguravam o velho
 Muito nú, muito vermelho,
 E muito fóra de si.

Debalde se defendia,
 Debalde dava razões,
 Se elle tivesse pulmões
 Naquelle instante os perdia.

"'Stá aqui ! 'Stá aqui !" Elle os braços
 Não podia levantar,
 Porque veria ficar
 Seu pobre corpo em pedaços.

Se não acodem depressa,
 O velho alli se espichava...
 E a peteca que apanhava,
 Que lhe pregava uma peça.

Ficou tres dias de molho,
 Foi escondida n'um sacco.
 Nada mais ficou em caco,
 Porque o velho abriu o olho.

GUIMARÃES PASSOS

(PUFF)



QUANDO PASSAVAS... POR JOSÉ VICENTE

Domingo, eu fui ao largo. E, passeando,
Para ver se esquecia a «quebradeira»,
Vi que tu vinhas, qual visão ligeira,
Pela avenida, além, te aproximando.

E onde passavas, filha, ia ficando,
De apaixonados, uma verdadeira
Multidão que se abria, mesureira,
A passagem mais livre te deixando.

Passaste sorridente e vaporosa,
Prendendo na cintura com recato,
A fragil haste de uma linda rosa...

E eu fiquei lá num poste recostado,
Fumando o meu cigarro «mata-rato»,
E escondendo o fundilho remendado!

JOSÉ VICENTE



Harpagão "Sherlock"

O velho archi-millionario, portador de um título nobiliarchico, é conhecido pelo seu apego ao dinheiro. Ha dias, demandava elle o seu escriptorio, a pé, quando um mendigo lhe estendeu a mão:

— Uma esmola pelo amor de Deus!

— Esmola? Vá pedir esmola na sua terra! — observou-lhe o titular.

— Na minha terra? Como Vossa Senhoria sabe que eu não sou aqui do Rio?

E o Conde:

Ora; porque... porque... E' porque, se você fosse aqui do Rio já sabia que eu não dou esmola a ninguém!

Egoismo paterno

Ha muito tempo vinha a familia d'aquella creaturinha se esforçando para que ella comprehendesse a corte que lhe fazia o conceituado e riquissimo constructor; a menina fazia-se desentendida, preferindo a tudo o joven estudante de engenharia. Desengana-da, a familia deu o assalto:

— Que é que encontras naquelle peralvilho, que tanto te seduz? — inda-gou o pae.

Nada, papae; mas eu o amo e elle me ama.

E que vocês se amem, que é que tem isso?

Elle me fará feliz.

Bem. Mas supponhamos que elle te faça feliz, que é que isso te adeanta?

As grandes perdas

Na vida elegante, de gente "chic" e mundana, a palestra corria maliciosa, quando aquella formosa e famosa senhora, nome de grande fama nos salões, che-gou para o meio das outras.

— Estamos conversando, mada-me, sobre as grandes perdas que póde ter uma mulher nos dias felizes da sua vida, — informou o joven deputado.

— A senhora não perdeu nada, por exemplo, no dia de seu casamento?

A illustre senhora pensou, meditou, e, ingenua:

— Não... nada, absolutamente!

Mas, emmendou:

— Ah, sim! perdi meu avô, que morreu nesse dia!

Era a unica cousa, realmente, que ella, nesse dia, tinha a perder...

O presente de annos

Os rapapés que aquelle conhecido joalheiro fazia à linda senhora, levaram-n'a a suppor que elle estivesse, realmente, apaixonado. Depois, as telephonemas, as palestras, tudo isso confirmava a supposição.

Para precipitar a situação, mada-me, que é viuva, informou:

— Sabe de uma cousa, Sr. Fulano? Eu faço annos amanhã!

— Amanhã? Oh!... Então, olhe, passe aqui por casa que eu tenho um presente para a senhora.

No dia seguinte, madame estava rente, na joalheria. O commarçiante abriu um cofre, tirou uma pulseira, e mostrou-lh'a.

— Aqui está, — disse — Está marcada doze contos, como vê.

E enquanto madame arregalava os olhos e apertava a mão, com vontade de dar-lhe um murro:

— Mas, como a senhora completa annos hoje, eu lhe deixo por dez!...

Casamento de amor

A morte de um conhecido homem de sociedade, casado com uma linda creatura que podia ser sua neta, renovou os commentarios que surgiam quando os dois ficaram noivos. Na Colombo, duas amigas da desventurada creaturinha tratavam do caso.

— Pois, olha, filha, — dizia uma, — a verdade é que foi um casamento de amor.

— Um casamento de amor?... Tens coragem de dizer isso?

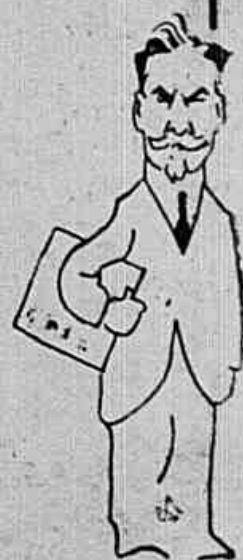
— Tenho!

—?...?

— Ella tinha um 'amôr doido... ao dinheiro d'elle!



OLHO DE VIDRO





UM RESUMO
PRATICO DE
TODOS os
FIGURINOS

UMA
VISITA
A'

NOTRE
DAME
DE
PARIS

182 OUVIDOR

Rio de Janeiro, 12 de Setembro de 1925

A VACCA

Manoel Roberto era, naquelles sertões cearenses, um dos caboclos mais felizes. Não tinha leguas de terra, fazendas de gado, nem, na serra, plantações de canna ou café: possuía, contudo, meia dúzia de rezes, que soltava nas pastagens alheias, e, sobretudo, como esposa, a Thereza, rapariga forte e risonha, cujos dentes, quando ella abria a bocca, illuminavam mais do que a torre da matriz do Canindé, nos dias de grande festa.

Alta e fornida, a Thereza era a nova Iracema daquelles sertões. Morena, e corada, possuía uns olhos côr de fructa de carnahuba, quando madura. E quando andava, era com a graça elegante das rolinhas "sangue-de-boi", que mariscavam o dia todo no macio terreiro da casa. E como o Manoel Roberto amava a Thereza, a Thereza adorava o Manoel Roberto.

Certo dia, porém, ao voltar do rio, foi a Thereza accommettida pelas sezões. Batia os dentes como caetetu acuado. E ao fim de uma semana era conduzida, toda embrulhada no ultimo lençol que lavara, e na ultima rede que batêra, a caminho do cemiterio da villa, onde ficou para sempre.

A molestia da mulher havia tomado todas as horas ao Manoel. Cuidando d'ella, deixara elle o gado e o roçado, sem cabeça para lembrar-se de tudo. E quando, morta a rapariga, retomou a actividade antiga, foi para verificar que, das quatro vaccas que possuía, uma havia morrido, picada de cobra.

Homem de trabalho, e com alguns haveres, o Manoel Roberto havia de ser, necessariamente, um homem cobiçado pelas mulheres. A sua viuvez havia de, por isso, despertar a attenção dos paes, anciosos de dar a filha, como esposa, a sertanejo tão conceituado.

— O que você deve fazer, Manoel, — diziam-lhe os velhos que iam visitá-lo; — é casar outra vez. E mulher que você escolhia é mulher que você terá. Por que você não dá um pulinho lá em casa?

Certo dia, ao entardecer, estava o caboclo sentado no batente da sua porta, a cabeça nas mãos, o rosto inundado de pranto, quando desembocou no terreiro o seu compadre Joaquim Patricio.

— Boa tarde, compadre!

— Boa tarde, compadre! — respondeu o viuvo, levantando a cabeça.

— Então, que é isso? Chorando?

— E' verdade, compadre!

— E' saudade da comadre; não é?

Manoel Roberto fechou a cara:

— Compadre, a fallar verdade, não é não. Eu estou chorando é pela vacca que morreu picada de cobra. Eu estou convencido, compadre, que a vacca vale mais do que a mulher.

— ?...

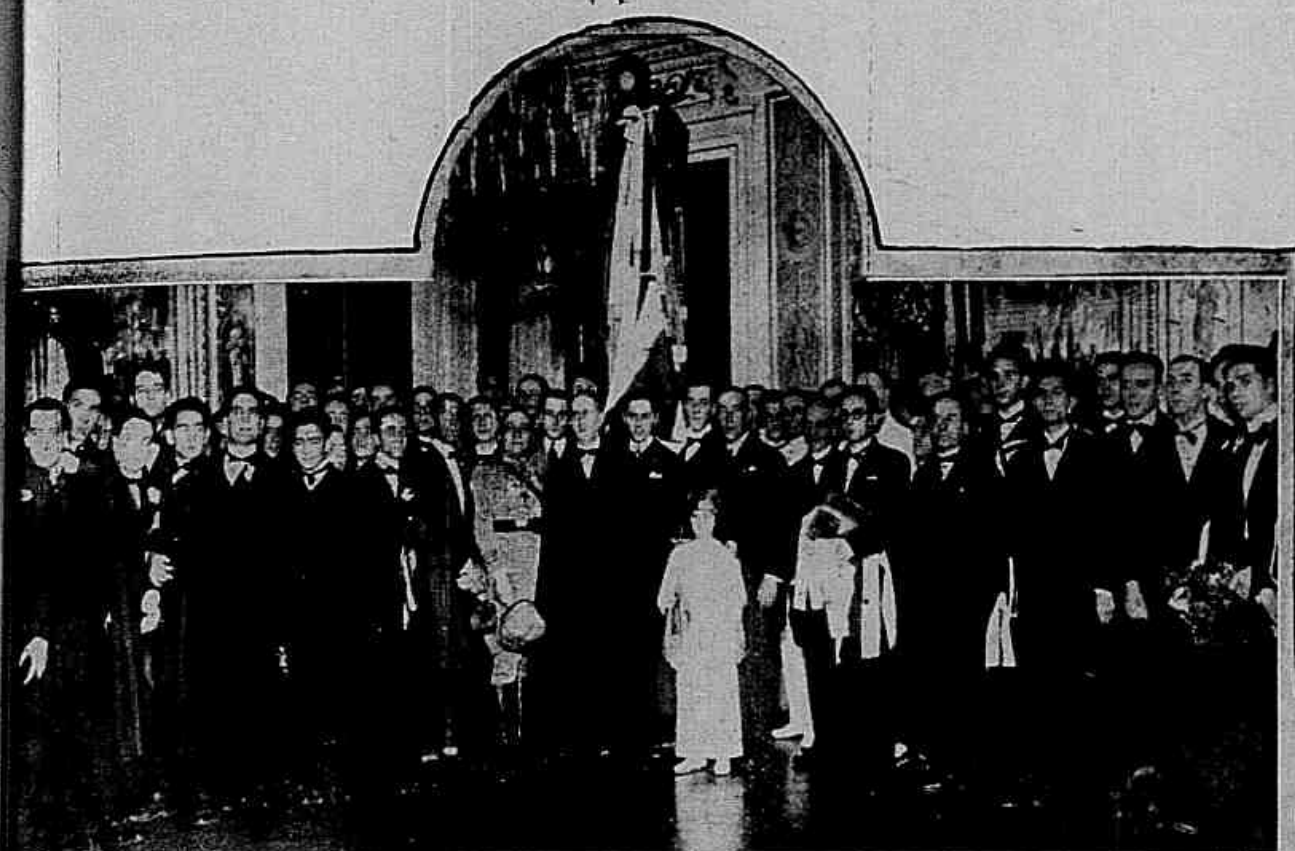
— Senão, olhe: tudo quanto é pae já me veio offerecer aqui uma filha p'ra mulher; e quem foi que já veio me offerecer uma vacca?

GUITARRAS DE PORTUGAL

A cidade recebe festivamente a Embaixada artistica da mocidade portugueza



O Rio hospeda, ha uma semana, o Orpheon de Lisboa, que aqui veio realizar uma serie de concertos alegres. As photographias que aqui se vêm são expressivas. Registram-nas: ao alto, os rapazes do Orpheon, em companhia do sr. Dr. Alar Prata, governador da cidade e do sr. Visconde de Moraes; ao centro, um instante do desembarque, na escada do "Raul Soares", que os trouxe ao Brasil; em baixo: a mocidade portugueza, ao tomar os automoveis, no caes Mauá.



Nesta pagina : o sr. Presidente da Republica, trajando a capa symbolica offerecida pelos estudantes portuguezes, e cercado por elles e pelas altas figuras da colonia; Outro flagrante do desembarque, e, finalmente, a festa da colonia, no Gabinete Portuguez de Leitura, promovida pelo sr. Embaixador de Portugal.

FIGURAS NACIONAES



MANOEL FULGENCIO
O PATRIARCHA DA CAMARA

FIGURAS NACIONAES

MANOEL FULGENCIO

Ahi por 1870, as estradas mineiras eram ainda verdadeiros caminhos de cabras, ou antes, de burros, por onde desciam as tropas do alto sertão, em demanda do littoral. Para viajar, era preciso coragem, bravura, desprezo da vida. E para conhecer a Côrte, tornava-se mistér consagrar a isso uma parte da vida, atravessando serras, mattas e rios nas costas pacientes de um burro.

Os mineiros do sul tinham, ainda, a vantagem que lhes offerecia a proximidade do Rio, relativamente povoado; os do norte e das vizinhanças de Goyaz e da Bahia, eram, porém, mais goyanos e bahianos do que propriamente mineiros. Quando um d'ells havia conseguido vêr o oceano, e as grandes casas da Côrte, passava o resto da vida a contar a historia dos seus patricios. Vinha gente de longe para ouvi-lo. E quando o sujeito era intelligente e imaginoso, pôde-se calcular o proveito que tirava da sua situação.

Foi nas regiões longinquoas do Rio Pardo, á sombra da Serra das Almas, que nasceu, ahi por 1841, Manoel Fulgencio Alves Pereira. Filho do coronel Francisco Fulgencio, o pae resolveu, desde logo, dar-lhe vida de menino afortunado. E tanto assim que, quando, em 1849, lhe fallaram em ensinar o menino a ler, o velho protestou, logo:

— Que lêr, que nada! Filho de rico não precisa aprender a ler.

E reflectindo o conceito da época:

— Aprender a ler é p'ra pobre, que precisa ganhar a vida!

O destino velava, porém, pelo Manoel. Com a morte do pae, em 1852, dedicou-se o menino á leitura. Em vez de rico, ficara pobre. E como precisasse ganhar a vida, aticou as fogueiras da intelligencia, aprendeu o alphabeto, aprendeu a taboada, aprendeu o portuguez, e, de mistura com este, o portuguez e o latim. Ao desvendar, dessas regiões de cultura, os horisontes do conhecimento, Manoel Fulgencio arrancou do fundo do peito um suspiro de satisfação:

— Ah!... Como é bom a gente ser pobre!...

E a vida, por ahi adeante, confirmou a sua exclamação. Estudioso, com os conhecimentos que o meio comportavam, fez-se professor, a principio, de primeiras lettras, e, depois, de portuguez e latim. E com tanta felicidade, que, ahi por 1865, no principio da guerra do Paraguay, obtinha provisão para advogar na comarca, e tornara-se, pela sua affabilidade e pelos serviços que prestava a todo o mundo, a maior influencia da região.

A lucta nos campos do sul havia, como se sabe, revolucionado, na Côrte, a situação dos partidos. Gabinetes subiam e cahiam, como vagas que se empolam e desabrem. Após um partido, subia outro. Nada d'isso, porém, chegava ao interior de Minas. Sem communicações rapidas, alli, quando um partido cahia, continuava de cima, não entregando as posições ao adversario, porque sabia que, na volta do correio, teria que reaver os logares.

Chefe do Partido Conservador de toda aquella zona, que se estendia da fronteira bahiana á

bacia mineira do Jequitinhonha, Manoel Fulgencio resolveu, em 1870, eleger-se deputado provincial. Ao chegar, porém, a Ouro Preto, o presidente da provincia mandou chamal-o a palacio.

— O senhor é deputado provincial ou geral? — indagou.

— O que V. Ex. quizer, — respondeu o politico de Jequitinhonha. — Se V. Ex. acha que eu devo ser deputado geral, eu volto com os papeis e trago tudo mudado.

O presidente era conservador e o partido precisava, no Rio, de deputados amigos.

— Vá, e venha logo, como deputado geral.

Manoel Fulgencio passou a perna no cavallo, e desatou a viajar. Matou tres animaes na viagem. Ao fim de quatro mezes estava de regresso, na antiga séde do governo mineiro.

— O senhor foi voando... Não? — espantou-se o presidente, com aquella assombrosa celeridade.

Vindo para a Côrte, foi o representante mineiro afogado pela onda de eloquencia que então inundava a Camara. Os grandes oradores enchiam-n'o de respeito, de commovida devoção. E de tal fórma que, tendo preparado um discurso de estréa para dizer no recinto, guardou-o no bolso, e foi dizel-o, mezes depois, na Camara Municipal de Arassuahy.

D'ahi em deante, até 1889, não deixou Manoel Fulgencio de vir á Camara, eleito seguidamente — e com excepção de uma só — em todas as legislaturas. Proclamada, emfim, a Republica, houve quem suspirasse:

— Arre! Afinal, ficamos livres do Manoel Fulgencio!

Procedeu-se, porém, ás eleições dos constituintes. Chegam, em 1890, os eleitos. Vêm os de São Paulo. Vêm os da Bahia. Vêm os de Minas. Quando estes entraram, vinham os republicanos á frente. E á frente dos republicanos — Manoel Fulgencio, chefe monarchista do Partido Conservador de Arassuahy!

Ao vel-o, Prudente de Moraes foi ao seu encontro:

— O senhor adheriu?

— Não havia outro por lá.

— Não havia outro para ser eleito?

— Não, senhor; não havia outro que aguentasse a viagem!

O segredo das victorias de Manoel Fulgencio está, talvez, na sua resistencia physica. Com oitenta e quatro annos, vem elle, todos os annos, ao Rio, tomar parte nas reuniões do Congresso. Ha cincoenta e cinco annos que faz isso, e, com excepção da legislatura em que não veio, nunca faltou.

Em 1923, a Camara, de que se tornou uma tradição, fez-lhe uma homenagem carinhosa. Orou Augusto de Lima, saudando-o. E quando toda a gente suppunha ir ouvir uma série de logares communs, eis que Manoel Fulgencio, que nunca abriu o bico na Camara republicana, pronuncia um discurso encantador, pelos conceitos e pela fórma, fazendo o elogio do velho

(Continua na ultima pagina)

NERVOS...



— Que tens?
 — Não sei. Sinto não sei quê de exquesito quando teu marido toca no meu órgão!

Bilac Humorista
 (1897)

O ARRENDAMENTO POR

PUCK

(Olavo Bilac)

Eu, segundo o geral presentimento,
 Segundo as cousas que nas folhas leio,
 Creio quo a idéa não vae longe; creio
 Que não se ha de fazer o arrendamento!

Central! podes pôr cobro ao teu tormento!

Vae devorando vidas sem receio!

— Florescerão, perpetuas, no teu seio,

Desfalque, Encontrô e descarrilamento...



Tu, essa gloria e gloria dos coveiros,
 Não servirás ao gozo dos profanos,
 Não passarás ás mãos dos estrangeiros!

E grande, e bella, e soberana, e forte,
 Ficarás, como estás ha muitos annos,
 Por muitos annos arrendada á Morte!

(*) Foi apresentado à Camara esta semana um projecto de lei transformando a Central do Brasil em Sociedade Anonyma. Esse facto d'ensejo é reprodução d'este soneto totalmente esquecido, em que Bilac, ha 28 annos, tratou da idéa, então corrente, do arrendamento d'essa via-ferrea. N. da R.

PUCK

(OLAVO BILAC)

PROCURANDO EMPREGO



— Tu queres ser ama de leite de um senador?
— Quem é que dá o leite?

Páginas esquecidas
1896

O DEFUNTO POR

PLACIDO JUNIOR

O grave professor, apurando sobre o nariz os olhos de ouro, começa a sua lição. Grave, grave, o professor Mac-Leley! calvo, vermelho, possuindo nas bochechas flácidas algumas falripas raras e grisalhas, o velho inglês é a circumspecção em pessoa. Sempre trajado severamente — calças negras, collete negro, rodaque de alpaca negra, gravata negra, de trez voltas... Grave, grave, o professor Mac-Leley!

Levanta-se, tosse duas vezes, passeia pela sala um olhar minucioso e principia. Os meninos, em semi-circulo, agitam-se, mexem-se, dispõem-se a ouvir a palavra do mestre, que vae fazer a sua lição de cousas. Justamente um dos alumnos faltou: morrera-lhe um tio. E o circumpecto Mac-Leley aproveita a occasião para ensinar á classe o que é um defunto, o que é a morte, o que é a vida, o que é um cadaver.

— Quando cessa o funcionamento de orgão, meninos, diz-se que um orgão está morto. O corpo humano é um conjuncto de orgãos... O funcionamento de todos esses orgãos é a vida. Se os orgãos não funcionam mais, o homem morre, é um defunto, é um cadaver...



(Mas... que é aquillo? pelos bancos da classe passa, continuo, mal disfarçado, um risinho alegre. Toda a classe fica tomada de uma alegria irresistivel...)

— Meninos! continúa o grave Mac-Leley — quando o corpo morre, começa a decomposição...

(O riso da classe continúa tambem. Todos cochilham, todos se extorcem, todos se agitam nos bancos. O velho mestre enrubece, atrapalha-se, sem saber o que provoca aquella alegria. Mas, sem parar, com a voz tremula, prosegue.)

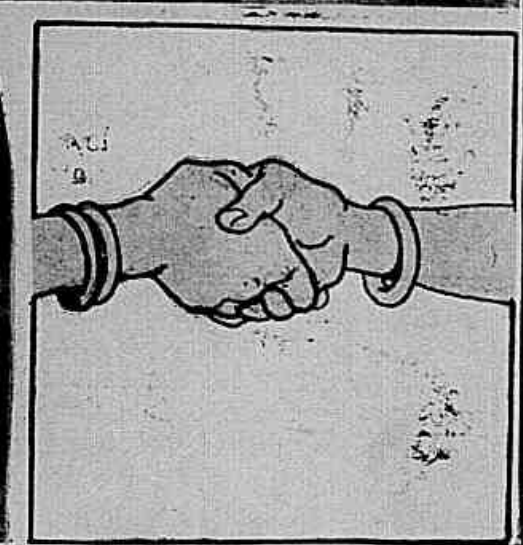
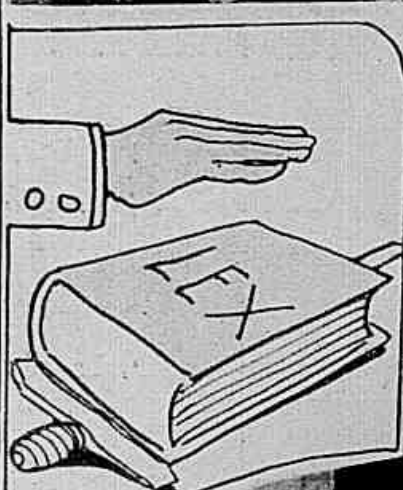
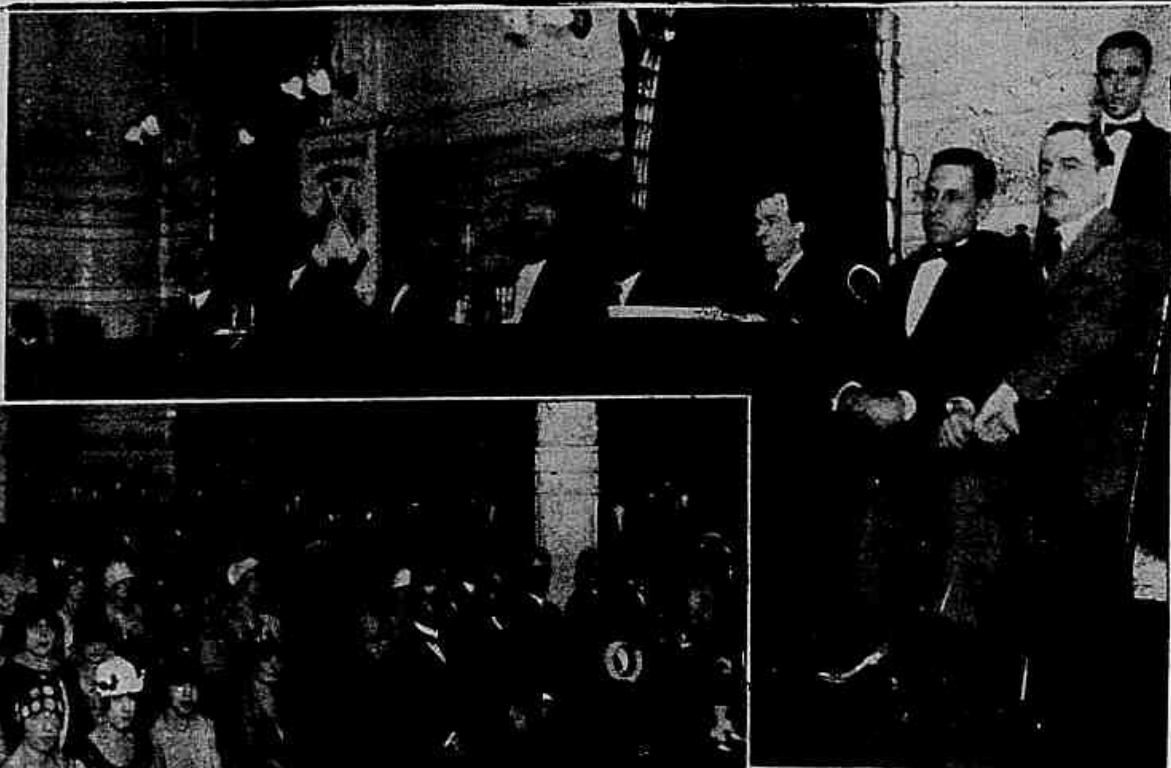
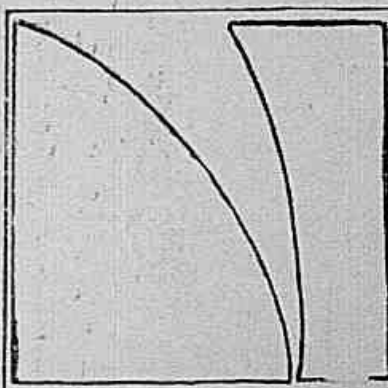
— E quando ha a decomposição, ha a infecção e...

(O grave Mac-Leley, pobre! pobre, grave Mac-Leley! baixa os olhos, mira-se, examina-se, fica tremulo... Malditos botões! malditos botões! tambem as calças são tão antigas! malditos botões! malditos botões!... E o grave Mac-Leley está sobre brasas, e é quasi sem voz que conclue o seu periodo.)

— Meninos... quando ha decomposição, ha infecção... e... por isso... é que é costume deixar a janella aberta... quando ha um defunto em casa...

PLACIDO JUNIOR

ASSUMPTOS DA SEMANA



1) Mesa que presidiu a solemnidade com que o Centro Libanez commemorou a passagem do 5º anniversario da Republica do Libano. 2) A assistencia no salão nobre da patriotica sociedade. 3) Aspecto do salão do Quartel General por occasião do sorteio militar, que alli se procedeu. 4) Grupo de senhoras do Centro Social Feminino após a conferencia realizada pela brilhante escriptora Snra. Maria Eugénia Celso,

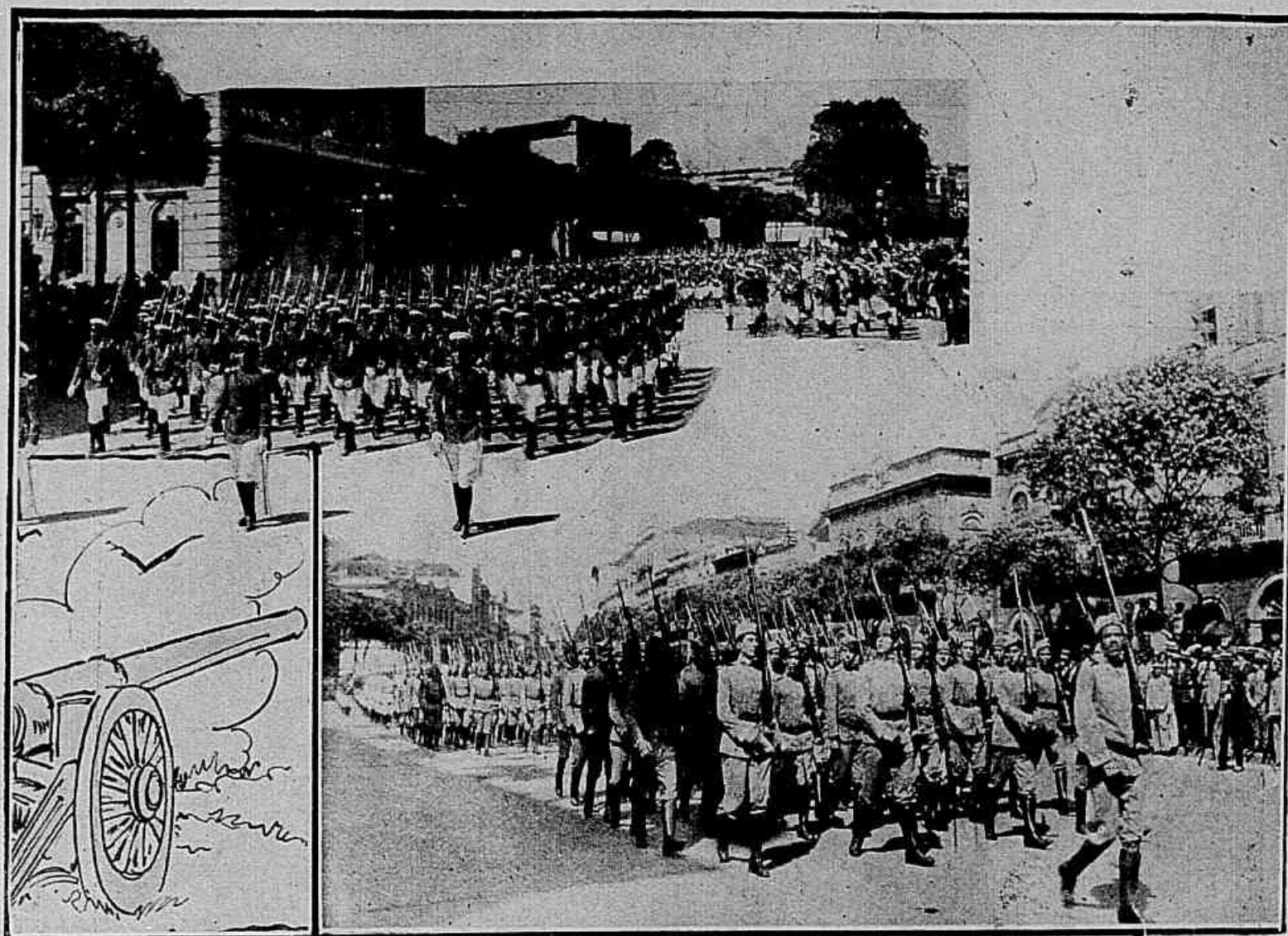
POR TRAZ DOS PANNOS...



ANDRÉ
GUEVARA

MARIA CABALLÉ

Um dos ídolos do público carioca actualmente no elenco da Companhia Velasco



Aspectos do desfile das forças militares em frente ao Catete, em continência a S. Excia. o sr. Presidente da República. Disciplinados na marcha e elegantes no "aplomb", os nossos soldados de terra e mar deixaram a melhor impressão na multidão, que os venceu á passagem.

ASSUMPTOS DA SEMANA



1) Grupo de professores brasileiros, após o banquete oferecido, no Jockey Club, aos professores francezes que visitam actualmente o Brasil. 2) S. Revma. o abbade D. Pedro Egerarth, do Mosteiro de S. Bento, fallando a uma assistencia selecta, no Automovel-Club, sobre a importancia e significação das missões catholicas no interior do Brasil. 3) O auditorio do eminente prelado, que lhe não regateou applausos, e que lhe não regateará o seu apoio na importante obra civilisadora e christã, realisada pela sua Ordem.

DISTRACÃO



— Sabes, Pancrácio? A Elisa ia-se afogando e o Theodoro a salvou arrastando-a pelos cabellos.

— E ella ficou assim muito tempo de cabeça p'ra baixo?

MILAGRES...

POR

ALÍPIO BORLA

(RIO)

Ao menos se sabia, antigamente,
Ser mantida a mulher pelo marido;
E tudo que gastasse no vestido
Era pago por elle unicamente.

O tempo evoluiu praticamente
Para vexame tal não ser soffrido;
E á mulher trabalhar foi permitido,
Para viver por si, e livremente.



Hoje paga o que gasta; economia
Chega ainda a fazer dos seus proventos,
Expurgados dos gastos e descontos.

Pois com a vida actual, quem tal diria!
Com um simples emprego de duzentos,
Gasta, as vezes, por mez, mais de dois contos!

ALÍPIO BORLA

PÁGINAS ESQUECIDAS
(1897)

O FIDELIS
POR

Pedro Rabello

(PIERROT)

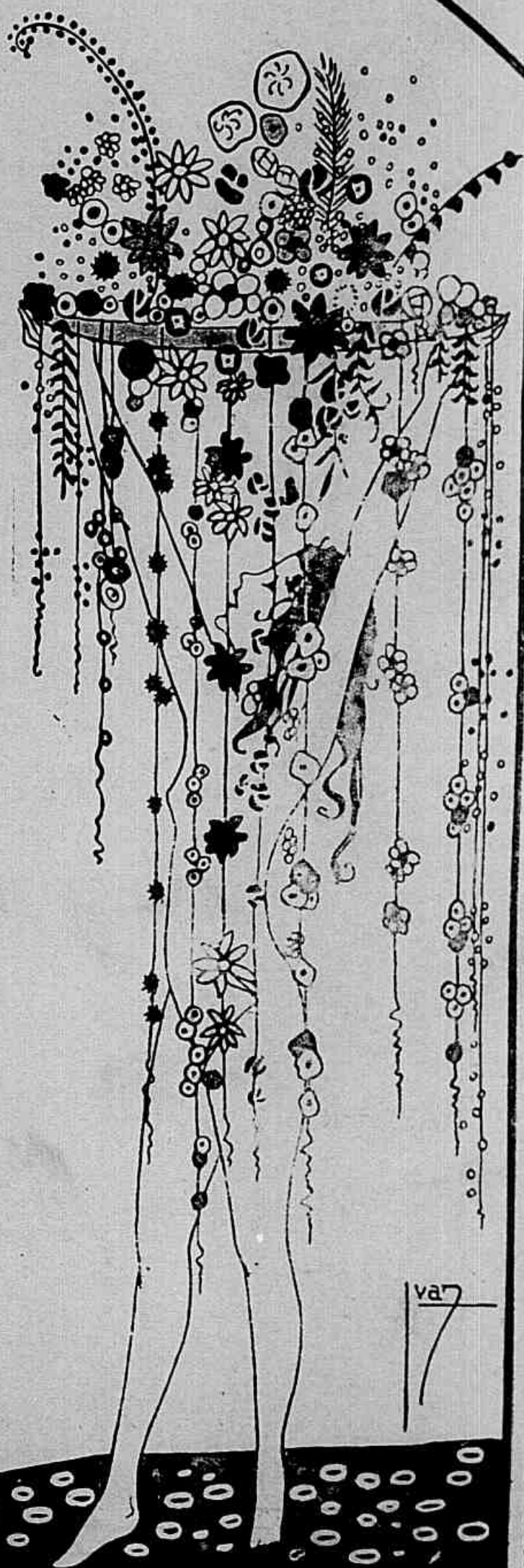
Minha querida senhora,
Um raio me parta agora
Se neste momento minto:

Maria da Conceição
Fidelis Siqueira Pinto
Casou-se com Braz Ferrão.

Dias depois, o marido
Disse à mulher com enleio:
-- Acho o teu nome comprido
Tira o Fidelis do meio...

-- "Isso nunca! oh! isso não!
Volveu nervosa a mulher;
-- Tenho de mais o Ferrão?
Pois corte o Pinto se quer!"

PEDRO RABELLO
(PIERROT)



A Capital

RIO-S. PAULO

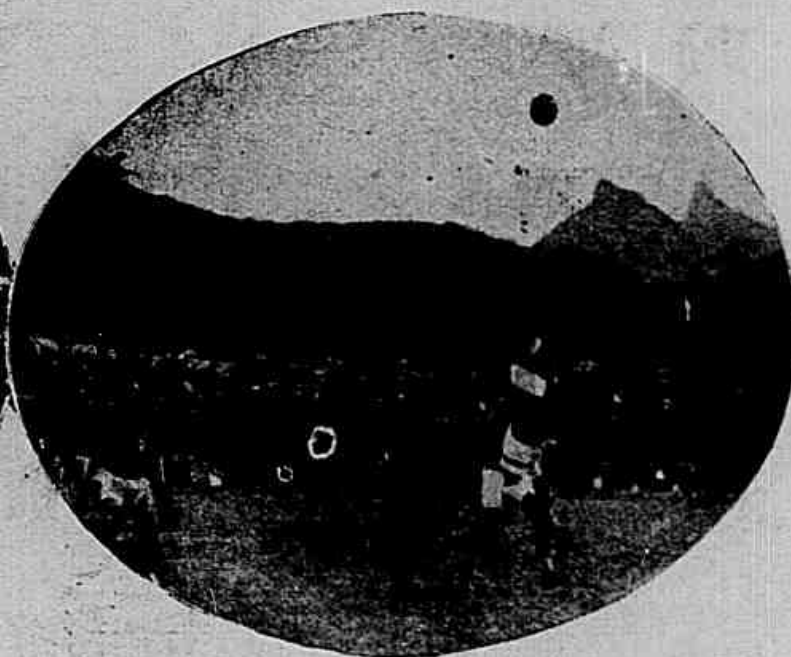
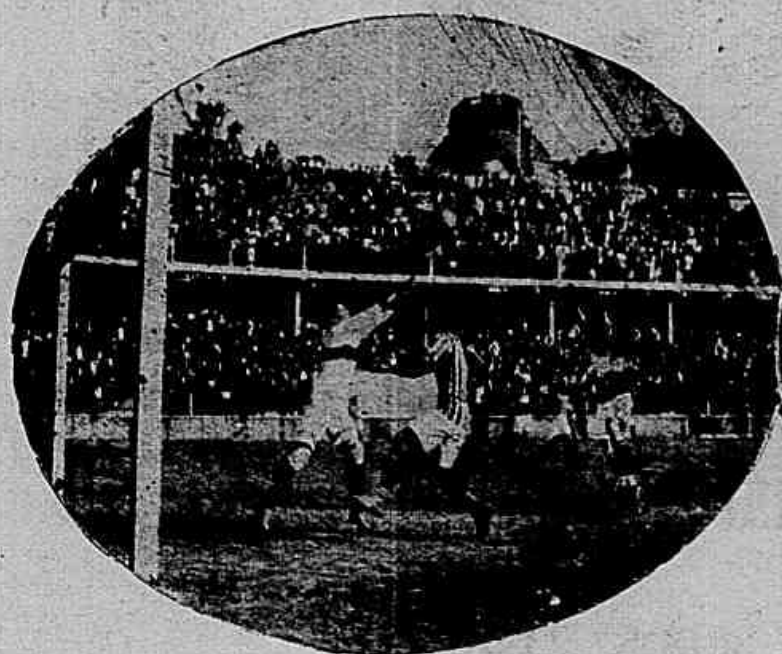
desde o seu início, escolheu
para sua especialidade as
camisas para homens.

Por isso mesmo nenhu-
ma outra casa tem maior
nem mais fino sortimento
de camisas de zephyr, linho,
tricoline e seda, cujos padrões são o encanto dos
olhos do freguez mais exigente.



Chronica photographica da cidade

A SEMANA SPORTIVA



Travou-se domingo passado o encontro entre o combinado paraense e os jogadores paulistas, na serie de jogos interestaduaes, sendo os paraenses derrotados pelo score de 3 x 0. Na pagina vêem-se: ao alto, a mocidades sportiva do Rio, assistindo ao jogo; ao centro, os paulistas, e, á direita, os jogadores paraenses; em baixo, dois instantaneos da pugna.



O que elles não escrevem ...

Irmãos de Além-Bar

Os rapazes, do Orpheão de Lisboa têm-se divertido a valer no Rio de Janeiro. No theatro onde se estão exhibindo, recebem verdadeiras ovações. E, na rua, mostram-se jovinaes e despreocupados como se estivessem na sua terra.

O que mais tem espantado o errioca é a paixão que elles têm pela cerveja, quando se suppunha que só tomavam vinho. As cervejarias estão cheias d'elles.

Um d'estes dias, passava o Raul Pederneiras, pela Brahma, quando a viu cheia de «capas de Portugal».

— Admiraveis, estes portuguezes! — exclamou.

E entusiasmado:

— São sempre os nossos irmãos de Além-Bar!

Palavras e gestos

O academico Osorio Duque-Estrada realizou ha dias no Petit-Trianon uma conferencia sobre poetas hispano-americanos, recitando versos d'elles, por elle traduzidos. E entre as poesias escolhidas, figurou uma, «Sob a chuva», em que o conferencista poz, ao recital-a, toda a mimica de quem estivesse mesmo sob o aguaceiro.

— Qual! não confere! — protestou o Goulart de Andrade.

E feroz:

— Está se vendo que o Osorio ha muito tempo não fica debaixo de um chuveiro!...

A obra prima

Ataulpho de Paiva, o Petronio da Academia e da cidade, veste-se no Almeida Rabello. O Almeida Rabello é alfaiate, porém, para quem tem segurança de vida longa pois, entre a medida da roupa e a entrega da encomenda, medeiam, sempre, de três a quatro mezes.

Um dia, recebia Ataulpho de Paiva uma casaca encomendada para o Lyrico cinco mezes antes, quando observa ao contra-mestre:

— Sim, senhor! O senhor é a ultima palavra em materia de novidade! Para fazer esta roupa, levou o senhor cento e vinte dias; no entanto, Deus fez o mundo em sete!

— Orn, sr. desembargador! — interveio o official. — Isso não é argumento. Deus fez o mundo em seis dias, mas o senhor vê a porcaria que ahi está, e de que toda a gente se queixa.

E mostrando-lhe a casaca:

— E olhe... olhe esta costura?

Netos dos avós

A mocidade portugueza do Orpheão de Lisboa, mal acaba o espectáculo, toma logo, com as suas guitarras, o rumo dos nossos pontos pittorescos, principalmente o Leme. Uma noite d'estas, faziam elles, alli, a sua «farra», quando Pinto da Rocha, que os acompanhava de longe e com saudade, commentou:

— Vê-se, até nisso, que os portuguezes são um povo de navegadores.

E documentando a frase:

— Mal se encontram livres, procuram logo o «Leme»!

Quando subirão elles a «Gavea»?

O cliente de bronze

Em uma roda de medicos, no «Petit-Trianon», discute-se medicina. Miguel Couto, Austregesilo, Aloysio, Afranio Peixoto, contam casos de clinica. De repente um d'elles refere.

— Certa vez, eu fui chamado, a noite, por telephone, para ver uma creança que urinava dia e noite, seguidamente. «Não falte, doutor; venha ver o pequeno!» — dizia-me o pae. Declarei que ia, e perguntei onde era a casa. «Na Avenida, doutor!». Indaguei o numero. «Não tem numero, não, senhor!». Sabem quem era a creança?

— ?...

— O Maneken-Piss!...

Distincção

O brilhante homem de letras, não obstante seu talento, alimenta uma vaidade doentia. Nas suas palestras só figuram em geral, os seus livros, o seu successo, a sua pessoa. Ha dias, conversava elle na Leite Ribeiro, quando informou:

— Hontem, tive um momento de profunda satisfação. Fui visitar uma mulher linda, lindissima. E quando ellasoube que eu estava no salão, levantou-se da cama para vir receber-me.

— Pois, olhe, meu velho, eu não lhe dou parabens por isso, — fez mestre Graça Aranha, que se achava na roda.

E com sabedoria:

— A honra maior seria se ella tivesse feito o contrario...



::: PEDRO III :::



Chronica photographica da cidade

ASSUMPTOS DA SEMANA



1) Instalação do Museu de Hygiene Popular, em Niotheroy. 2) Pessoal da Prefeitura, dando o banho annual nos indios e jacarés da estatua de Pedro I, preparando-os para as festas de Sete de Setembro. 3) Festa em homenagem ao fundador do Asylo São Luiz, destinado a velhice. 4) Asylados desse estabelecimento, cujo aspecto é, como se vê de consôlo feliz, no ultimo ponto do caminho da vida.



THEATRICE



(Teem sido innumeras as me-
recidissimas homenagens pres-
tadas aos universitarios de Lis-
bôa, aqui presentes na fórma do
sonoro Orpheão, pelo enthusias-
mado povo do Rio de Janeiro, re-
presentado, tanto pela laboriosa
colonia portugueza, como pelos
mais expressivos elementos na-
cionaes. As folhas diarias veem
dando noticia de tudo. Cabe-nos,
porém, o prazer profissional de
um "furo", de um senhor "furo",
e que consiste em divulgar al-
gumas trovas de um album que
pela gente de theatro vae ser of-
fertado aos bravos rapazes lusi-
tanos. Os varios poetas e as
muitas poetisas que taes quadras
fizeram, contam com a honra de
ouvil-as cantadas pelos estudan-
tess, acompanhadas daquellas gui-
tarras e violas que põem coegas
em todos os corações...

TROVAS DAS ESTRELLAS

I

Quizera ser um furinho
Da capa tradicional
Do estudante bonitinho
Das terras de Portugal.

II

O meu destino renego...
Que urucubaca! que azar!
Pois troquei o meu Mondego
P'la Avenida Beira-Mar.

III

Agora choro na cama
Porque sou muito infeliz...
Só bebo chopp da Brahma
E não vinho do paiz.

IV

Rapazes da minh'aldeia,
Sempre fostes meu amor.
Vamos lá para uma ceia
E seja ella onde fôr...

V

Ai! que grande patuscada!
Que tentação sinto em mim!
Ir de farra desgarrada
Sem metter amendoim...

VI

Outro já é neste instante
O gosto do meu angú.
Dou preferencia ao tunante
E o fóra no gabirú...

VII

Quer de noite, quer de dia,
Fizesse, embora, calor,
Toda eu me envolveria
Na capa do "seu" doutor...

VIII

Guitarra universitaria
Fazes morrer de paixão.
Porque eu, na mais simples aria,
Não consigo afinação...

IX

Quem ama o prazer não dorme
Oh! rapazes d'além-mar!
Olhem que o Rio é enorme
E ha muito onde namorar...

X

Ao voltares á terrinha,
Que um doce berço te deu,
Se disseres — "ella é minha" —
Eu cá direi — "elle é meu" —

(Calaram-se as estrellas... E
olhem que não foi pouco tra-
balho arranjar todas essas.
Agora cantam os emprezarios —
se tal verbo compete ás suas je-
remiadas...)

TROVAS DOS EMPREZARIOS

I

Fazem-me grande arrelia
Os rapazes da sciencia.
Toda a noite e todo o dia
'Stão-me a tirar concorrência.



II

Ah! se eu tivesse previsto
Já tinha a sorte virada.
Nas sessões enchia isto
Sem recorrer á chanchada.

III

Os meninos de Lisboa
Não se farão de viagem
Sem que eu lhes preste uma boa,
Uma pallida homenagem.

IV

Na revista que se siga
A esta que está morrendo,
Porei uma rapariga
Numa guitarra gemendo...

V

Eu não quero mais autores!
São uma calamidade!
Vou contractar os doutores
Da lusa Universidade...

(Embatucados, recolhem os em-
prezarios aos escriptorios, com
as cabeças cheias de calculos e
as almas nús de poesia... Tre-
fegas, inquietas, vagamente sen-
timentaes, agitam-se as coristas.)

TROVA DAS CORISTAS

I

Ai! de nós, tanto trabalho
Sem repouso de um instante!
Bem que nos consolaria
O amor de um estudante...

II

Além da sobrecasaca
A linda capa fluctua.
E eu, mesmo em noites de frio,
No palco estou quasi núa...

III

São tão dados, tão alegres
Os rapazes portuguezes,
Que eu não sei porque motivo
Não vêm por cá mais vezes.

IV

Como cantam! Como tocam
Os sonoros instrumentos!
São as violas sorrisos
E as guitarras são lamentos...

V

Guardei-me, com mil cuidados,
Como uma flor em botão.
Mas, áquelle mais trigueiro
Daria meu coração...

VI

Grandes luzes da ribalta,
Scenarios de deslumbrar,
Pareceis-me noite escura
Defronte daquelle olhar.

VII

Eu deixava o meu salario,
Qualquer tentação mundana,
Para, de regresso á terra,
Ser uma simples tricana...

VIII

Oh! quem me déra um remedio
P'ra matar esta saudade
E voar á minha aldeia
Nos braços da mocidade...

(Um Rato de Caixa, vulgo Ga-
birú, está quieto, escutando. Toca-
lhe, porém, a vez de cantar.)

TROVAS DO GABIRU'

I

Não foi por falta de siso
Nem por atrapalhação
Que eu perdi meu paraíso,
Assim do pé para a mão.

II

Por causa da estudantada
Já sou coisa sem valor,
Moeda desvalorizada
Na grande Bolsa do Amor!



CORONEL KHAR ONA



(Continuação de Manoel Fulgencio)

parlamento e explicando, com espirito, os motivos do seu silencio!

Ha pouco tempo, houve, em Minas, com Raul Soares, um movimento contra a politica dos coroneis.

— Lá se vae o Fulgencio! — exclamaram.

E, nas eleições, lá estava Manoel Fulgencio na chapa do Partido, sem que alguém se atrevesse, jámais, em mais de meio seculo de vida parlamentar, contestar o seu diploma.

Na Camara, onde é esperado com carinho, todos o veneram, todos o festejam. E' o avô da casa. E que bom avô, que elle é!

Pelo menos, nunca ralha com os netos...

PLUTARCHO

Os votos do noivo

Padre Leandro acaba de casar os noivos, e, de accordo com o costume, faz uma saudação ao casal:

— Sejam felizes, meus filhos. Que o noivo cumpra com seu dever, são os meus votos.

— A mesma cousa para Vossa Senhoria, "seu" vigario! — apartêa o noivo, todo mesureiro.

E' mais facil a uma mulher defender a sua virtude contra os homens do que a sua reputação contra as mulheres. — Rochebrune.

SENTE-SE DESANIMADO?

PORQUE NÃO FAZ USO
DO

ELIXIR DE SORÉT

O TONICO NERVINO? EFFICAZ EM TODOS OS CASOS
QUE O MAL SEJA PROVENIENTE DOS NERVOS

Resadquira a sua força viril. Torne-se moço. Não é a idade que inutiliza o homem ou a mulher. São os nervos que necessitam o alimento indispensavel. Use o tonico **Sorét** composto de elementos vegetaes. Vende-se em todas as Drogarias e Pharmacias.

Approvado pela Directoria de Saude Publica em 26 — 6 — 1919
sob N. 97

Em amor, é uma arte saber resistir; mas as mulheres só a aprendem á sua propria custa.
— Eyma.

VANADIOL

FORTIFICANTE INSUPERAVEL EM
TODOS OS CASOS DE FRAQUEZA
E EM QUALQUER IDADE
ACONSELHADO PELOS MEDICOS COMO O MAIS
EFFICAZ REVIGORADOR
DA
SAÚDE

LOTERIA FEDERAL

UNICA official.

UNICA fiscalizada pelo Governo Federal.

UNICA por cujos premios responde o Thesouro.

UNICA extrahida á vista do publico nesta Capital.

CAPITAL: 3.000 contos COM O DEPOSITO DE 500 CONTOS

no Thesouro.

PREDIO proprio, á Rua L. de Marco, 110, com frente para á

Rua Visconde de Itaborahy, 67, Extracções diarias ás

2 1/2, e ás 3 horas aos sabbados.

Vigogenio

Engorda e dá vigor aos tecidos

O melhor e o mais activo fortificante que existe. Uma colher de "VIGOGENIO" faz mais effeito que um vidro do melhor tonico.

As Mães que criam, os Anemicos, as Moças pallidas, as Crianças rachiticas e Escrophulosas, os Exgottados, os Depauperados obtêm CARNE, SAÚDE, VIGOR e SANGUE NOVO, usando o "VIGOGENIO".

O "VIGOGENIO" é aconselhado:

1.º — Para as pessoas Fracas, Magras e com FALTA DE APETITE.

2.º — Para as pessoas com EXGOTTAMENTO PHISICO e cerebral, NEURASTHENIA e Excitação nervosa.

3.º — Para as pessoas em Convalescenças de MOLESTIAS INFECCIOSAS como FEBRE TYPHOIDE, grippe, VARIOLA, etc. Nestes casos o "VIGOGENIO" é de grande resultado.

4.º — Para as SENHORAS GRAVIDAS é muito recommendado, porque, devido ao seu grande poder nutritivo, augmenta a secreção lactea, concorrendo para a nutrição do pequeno sêr em formação.

5.º — Para as CRIANÇAS PALLIDAS, magras, de CRESCIMENTO DEMORADO é de um resultado espantoso, pois é o tonico APPROPRIADO para esse fim. POUCOS VIDROS produzem effeito visivel, notando-se logo AUGMENTO DE PESO e melhor aspecto da criança.

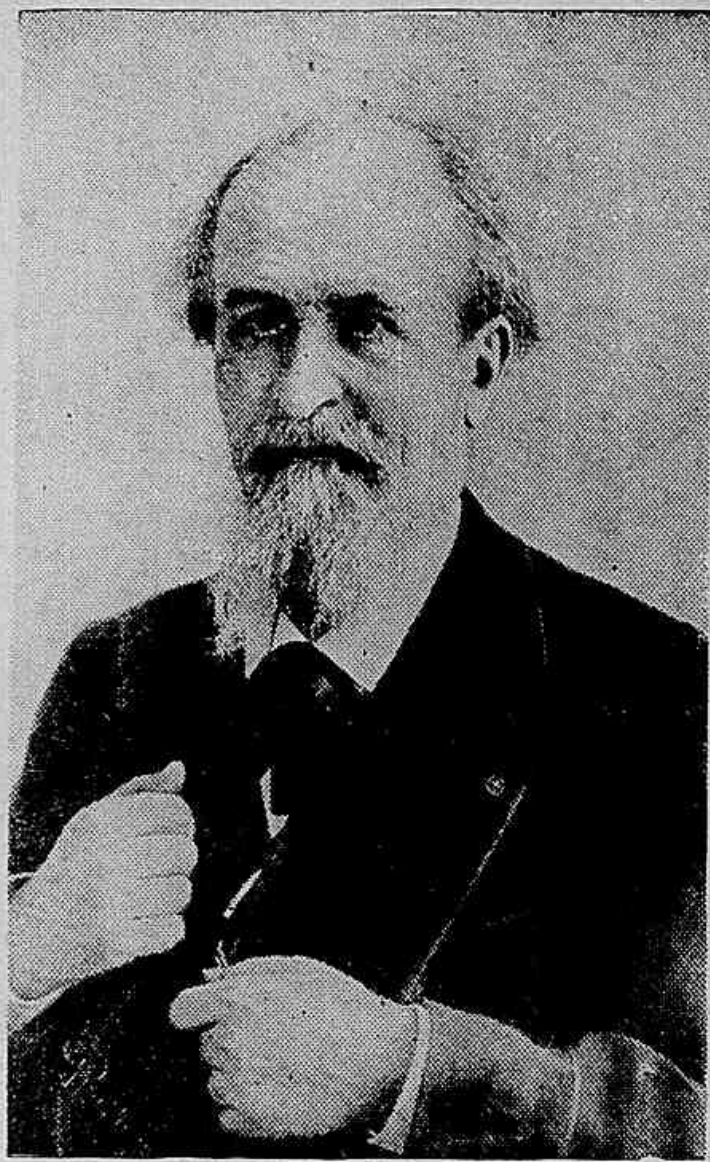
6.º O "VIGOGENIO" é o fortificante mais receitado pelas notabilidades medicas, como Miguel Couto, Austregesilo, Rocha Vaz e outros, que, em BRILHANTES ATTESTADOS affirmam o SEU GRANDE VALOR.

MIGUEL COUTO, o mestre da Medicina, diz:

"Attesto que tenho empregado em minha clinica particular e na do hospital, com o MELHOR RESULTADO, o "VIGOGENIO", EXCELLENTE PREPARADO, não só pela sua COMPOSIÇÃO, como pela IRREPREENSIVEL fabricação."

DR. MIGUEL COUTO.
(Firma reconhecida.)

Licenciado pelo D. N. de S. P. sob n. 833, em 20-11-919



OBRAS DO CONSELHEIRO X. X.

(HUMBERTO DE CAMPOS)
DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

O escriptor mais lido e popular do Brasil

O autor mais alegre!

O humorista mais subtil!

ACABA DE APPARECER

Pombos de Mahomet

BROCHADO 6\$000 — ENCADERNADO 8\$000

Volumes já publicados :

VALLE DE JOSAPHAT	18.º milheiro, br. 5\$, enc. 6\$500
O TONEL DE DIOGENES	16.º milheiro, br. 5\$, enc. 6\$500
A SERPENTE DE BRONZE	12.º milheiro, br. 5\$, enc. 6\$500
GANSOS DO CAPITOLIO	15.º milheiro, br. 5\$, enc. 6\$500
A BACIA DE PILATOS	12.º milheiro, br. 6\$, enc. 7\$500
A FUNDA DE DAVID	6.º milheiro, br. 6\$, euc. 7\$500
GRÃOS DE MOSTARDA	6.º milheiro, br. 5\$, enc. 6\$500

Cada volume contém 120 chronicas maliciosas e do mais fino espirito, destinadas a fazer rir o homem mais triste e a sorrir a mulher mais melancolica.

— PEDIDOS Á —

LIVRARIA EDITORA LEITE RIBEIRO

RUA BETHENCOURT DA SILVA, 15, 17, e 19

— RIO DE JANEIRO —